



www.unila.edu.br

UNILA

## **GÊNERO E SEXUALIDADE: discutindo e esclarecendo mitos sobre a diversidade de gênero e sexualidade na educação**

Deni Iuri Soares Candido da Silva – UNIOESTE<sup>17</sup>

Prof. Orientador: Odair José Silva dos Santos – UNIOESTE<sup>18</sup>

**RESUMO:** Diante do atual quadro político, religioso e todas as formas de doutrinação e colonização do outro, este trabalho está para desconstruir padrões pré-estabelecidos e imposições de vivências aos seres humanos que não se enquadram dentro do padrão *cis-gênero* heteronormativo (SOUZA E CARRIERI. 2010). Este trabalho também está para desconstruir ideias e leituras de discursos equivocados sobre debates de gênero nas salas de aulas. Além das discussões e esclarecimentos sobre orientação/condição sexual e identidade de gênero, a proposta visa a esclarecer formas de se compreender e trabalhar gênero na sala de aula. Uma vez que, masculino e feminino sempre foram compreendidos historicamente como única forma de vivência sexual (ZYCH E GODOY. 2014). Esta pesquisa objetiva ainda esclarecer e apresentar a diversidade de gênero e sexualidade presente em nossa sociedade, além de contemplar a compreensão de gênero e sexualidade na educação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação; Gênero; Sexualidade.

### **INTRODUÇÃO**

Com base na necessidade atual em discutir gênero e sexualidade, e os empecilhos que grandes pesquisadores da área da diversidade enfrentam na atualidade, este trabalho vem com o intuito de esclarecer e quebrar alguns tabus/paradigmas construídos socialmente e alimentados pela mesma camada social que oprime o desabrochar e a autenticidade dos vastos estudos de gênero e sexualidade de serem discutidos em todos os ambientes necessários que envolvam relações interpessoais.

Nesse sentido, a primeira seção discutirá de forma sucinta e clara questões da diversidade de gênero e sexual, além de conceituar o que é identidade de gênero e orientação/condição sexual, uma vez que, por mais que ambos objetos de pesquisa estejam na mesma área de estudo, é necessário separar gênero de sexualidade para conceituar e esclarecer as diferenças de cada área e somente *posteriori*, juntar (se necessário) para frisar que cada um (gênero e sexualidade) desempenham papéis diferentes no ser humano.

Desse modo, na segunda seção discutiremos questões de gênero e sexualidade direcionada para a área da educação, uma vez que, uma das grandes necessidades atuais e desde sempre, é discutir abertamente e de forma natural a sexualidade humana. Não excluindo ou beneficiando algum gênero em específico ou alguma forma sexual de se relacionar.

Com base nessas observações, a presente pesquisa se utiliza de metodologia bibliográfica de textos da grande área do estudo de gênero, sexualidade e educação.

### **GÊNERO E SEXUALIDADE**

Para Simone de Beauvoir, “Não se nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, 2016, p.

<sup>17</sup> Graduando em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Campus Foz do Iguaçu - denny.iury@gmail.com.

<sup>18</sup> Doutorando em Letras pela Universidade de Caxias do Sul (UCS); Professor Assistente da Unioeste – Campus Foz do Iguaçu.

11), nesse sentido, compreende-se que gênero é uma construção social e individual de cada ser. Ou seja, o gênero nem sempre é estabelecido biologicamente. Sexo genético (órgãos genitais) não define qual será o seu gênero. Existem pessoas que correspondem ao gênero (órgão sexual) que lhe foi atribuído ao nascer (pessoas *cisgêneras*) e existem pessoas que não correspondem ao gênero que lhe foi atribuído ao nascer, e essas pessoas são denominadas *transgêneras*.

Sobre sexualidade, Louro afirma (2004, p. 65-66):

A premissa que afirma que determinado sexo indica determinado gênero e este gênero, por sua vez, indica ou induz o desejo. Nessa lógica, supõe-se que o sexo é “natural” e se entende o natural como “dado”. O sexo existiria antes da inteligibilidade, ou seja, seria pré-dicursivo, anterior à cultura. O caráter imutável, a-histórico e binário do sexo vai impor limites à concepção de gênero e sexualidade. Além disso, ao equacionar a natureza com a heterossexualidade, isto é, com o desejo pelo sexo/gênero oposto, passa-se a supô-la como a forma compulsória de sexualidade.

Ou seja, gênero é uma coisa e sexualidade é outra. Existem homens e mulheres *Cis*, existem homens e mulheres *Trans* e existem pessoas não binárias, ou seja, novamente, pessoas *não-binárias*, são pessoas que não correspondem ao gênero masculino ou feminino.

Dessa forma, dentro da diversidade sexual, temos pessoas heterossexuais, que são pessoas que se relacionam sexualmente com pessoas do gênero oposto ao seu, pessoas homossexuais, que são pessoas que se relacionam com pessoas do mesmo gênero, bissexuais, que se relacionam sexualmente com mais de um gênero, pessoas pansexuais, que são pessoas que se relacionam sexualmente com todos os gêneros, e temos pessoas assexuais, que são pessoas que não se relacionam sexualmente (ou quase nunca se relacionam sexualmente).

Nessa esfera, compreendermos que identidade de gênero é a forma como você se sente representado ou a forma como você se apresenta socialmente e orientação/condição sexual é a forma com que você irá se relacionar intimamente, sexualmente com outras pessoas.

## DISCUTINDO E ESCLARECENDO MITOS SOBRE A DIVERSIDADE DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO

As grandes perguntas norteadoras da pesquisa são: Tem como trabalhar gênero e sexualidade na escola? Como falar de gênero e sexualidade na escola? Por que falar sobre gênero e sexualidade na escola?

Diante de tal observação, Louro diz que:

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde Seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos – tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos e protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas. (LOURO, 2012, p.61)

Pode-se observar, com base em Louro (2012), que historicamente, a escola sempre usou de meios para segregar, separar e classificar as pessoas. Da mesma forma que a sociedade impõe uma rotulação, a mesma impõe rótulos que são favoráveis dentro de certo padrão, porém, nem todas as pessoas estão dentro do padrão, pois somos diversos e nos categorizamos de forma singular.

No entanto, atualmente, o debate de gênero na educação é alvo de grandes críticas de certa camada conservadora política e social. Utilizando-se de falsos discursos de que o debate de gênero na

sala de aula irá manipular a criança a se tornar homossexual, porém como já foi exposto anteriormente, a sexualidade é uma questão de condição e não uma questão de escolha como podemos perceber nos discursos de sujeitos que invalidam o debate de gênero e sexualidade na educação.

A própria Louro recorda ainda que:

Dentre os múltiplos espaços e as muitas instâncias onde se pode observar a instituição das distinções e das desigualdades, a linguagem é, seguramente, o campo mais eficaz e persistente – tanto porque ela atravessa e constitui a maioria de nossas práticas, como porque ela nos aparece, quase sempre, muito “natural”. Seguindo regras definidas por gramáticas e dicionários, sem questionar o uso que fazemos de expressões consagradas, supomos que ela é, apenas, um eficiente veículo de comunicação. No entanto, a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os institui; ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças. (LOURO. 2012. p.69)

Dessa forma, SILVA (2017) diz que, segundo relatos de professores no seu artigo que “(...) é comum abordar o sistema reprodutor masculino, o/a professor/a mantém somente os meninos na sala de aula”. Porém, em relação a esse assunto, Silva (2015) diz:

É que meninos e meninas participassem juntos dessas discussões, para que pudessem, além de aprender cada de seu próprio sistema, aprender sobre o corpo do outro, a fim de se trabalhar o respeito, a valorização do corpo, assim como, principalmente, aprender que para a menina, ter uma vulva é tão importante quanto ter pênis para o menino, sem relação de poder entre os órgãos genitais. (SILVA, 2015, p. 33 apud SILVA, 2017 p. 20)

Nessa perspectiva, Rossetti (2016) tenta desconstruir o conjunto de ideias de que meninos não podem usar rosa e meninas não podem praticar jogos/esportes de meninos.



(ROSSETTI. 2016. p.17)

Com base nessas informações, compreende-se a problemática apresentada na figura exposta anteriormente. Não estamos dizendo que o simples fato do Leco (nome do personagem na obra) querer uma boneca, ele esteja nos dizendo nas entrelinhas do seu discurso que ele seja uma criança



homossexual ou pertencente a um gênero que não lhe foi atribuído ao nascer, e ao mesmo tempo isso ocorre com Su (nome da personagem na obra). O que estamos tentando deixar claro, é que as cores não definem identidade de gênero e muito menos orientação/condição sexual. O presente trabalho está para uma crítica ao sistema de cores e brincadeiras que são impostos a todos nós, desde nossa infância.

E concluindo esta breve exposição desta pesquisa:

O melhor momento para conversar com a criança sobre sexo é o momento em que ela começa a mostrar curiosidade. Responder claramente ao que a criança pergunta, sem fugir do assunto, é o primeiro passo para uma relação saudável, em que o diálogo prevalece, assim, seu filho e sua filha saberá que pode contar com você quando tiver dúvidas ou problemas. (FUMCAD. 2005. p. 1 apud GROB. 2011. p.146)

Diante de tais observações, o papel do professor enquanto educador tem a finalidade de desconstruir estigmas e pré-conceitos estabelecidos socialmente, pois quando existem pessoas que não se enquadram no que é dito como padrão ou normal, necessitamos rever o que é normal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas reflexões realizadas sobre o assunto gênero e sexualidade na educação, podemos compreender e entender a diferença entre orientação/condição sexual e identidade de gênero, e compreender a importância de debater gênero e sexualidade na educação.

Feita essa reflexão, o principal objetivo da pesquisa foi trazer para o campo de pesquisa acadêmica os debates referentes a gênero e sexualidade. Nesse sentido, cremos que o estudo sobre a área de gênero seja necessário para a formação do professor, pois professores trabalham diretamente ligados com pessoas e necessitamos compreender a diversidade sexual dos nossos alunos, já que as questões de gênero e sexualidade influenciam no ensino aprendizagem do aluno, uma vez que, essas relações comprometem o desempenho do aluno em sala de aula.

## REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: a experiência vivida*. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- GROB, Amanda. *O desenvolvimento da sexualidade infantil, o abuso sexual e a sociedade protetora da criança*. In: BONA JÚNIOR, Aurélio. (Org.). *A sexualidade em questão: estudos sobre o abuso e a educação sexual de crianças e adolescentes*. União da Vitória, 2011, p. 143-152.
- Louro, G. I. *Gênero, Sexualidade e Educação – Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópoli, RJ: Vozes, 2012.
- LOURO, G. L. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- ROSSETTI, Carol. *Cores – A revolução começa no quarto de brinquedos*. Belo Horizonte. Ed. do Autor. 2016.
- SOUZA, Eloisio de Souza. CARRIERI, Alexandre de Pádua. A analítica queer e seu rompimento com a concepção binária de gênero *Revista de Administração Mackenzi*, São Paulo, V.11, N.3, p. 46-70, 2010.
- ZYCH, A. C. ; GODOY, M. A. B. *Sexualidade: angariando simpatias na educação infantil*. In: Najela Tavares Ujiie; Sandra Regina Gardacho Pietrobon. (Org.). *EDUCAÇÃO, INFÂNCIA E FORMAÇÃO: vicissitudes e quefazeres*. 1ed. Curitiba: CRV, 2014, v. , p. 01-208.
- SILVA, Ricardo Desidério da. Refletindo sobre as questões de gênero em sala de aula. *TRAVESSIAS*, v. 11, p. 15-23, 2017.





www.unila.edu.br

UNILA

## DE GADOS E HOMENS: sangue, carnificina e estética na obra de Ana Paula Maia

Fernanda Gabina Alvarenga Fioravanti – UNILA  
Diego Kiill – UNILA

**RESUMO:** Este trabalho tem a proposta de estudar uma vertente da Literatura Contemporânea em que os escritores usam da violência para construir suas narrativas e compor suas personagens, usamos como corpus de pesquisa a obra *De gados e homens* da escritora Ana Paula Maia. Analisaremos, então, como o cinema norte-americano, em especial as obras de Quentin Tarantino, serviram de inspiração para a escritora e sua composição de uma estética e linguagem da violência e do que chamamos de realismo escatológico. Também analisaremos o ambiente social em que a história está inserida, o de matadouros, e os chamados cinturões – de – carne, ambientes em que fazendas de gados, indústrias e abatedouros são construídas próximas.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura, violência, matadouros, gados, homens

### INTRODUÇÃO

Este presente artigo propõe uma leitura e reflexão sobre o livro *De gados e homens* da escritora fluminense Ana Paula Maia. Uma literatura contemporânea, e que por isso dialoga com as características principais da modernidade, como a linguagem cinematográfica, o uso da internet e plataformas *onlines* (*blog e youtube*), uma escrita rápida, afinal estamos nos tempos de conexões rápidas e instantâneas, quase que imediatas.

É essa escrita bruta, violenta, simples que a poética de Amia se constrói, com cenas em que o sangue é onipresente, seja na morte de um boi, na mancha da camiseta da personagem, seja no ambiente e palavras que provoca ao leitor um desconforto, mas ao mesmo tempo, uma sedução com a leitura.

Com isso investigaremos como essa linguagem rústica teve influência nos filmes de Quentin Tarantino e do cinema norte americano, mas colocou uma brasilidade em sua narrativa, como a desconstrução do romance policial em que tudo se resolve, construindo um realismo quase que escatológico.

O ambiente e o contexto social que o livro traz de plano de fundo também será estudado, utilizando-se da história dos matadouros e dos chamados cinturões de carne analisaremos como esse ambiente hostil e invisível socialmente foi resgatado pela autora e que características do processo de formação do mercado da carne são encontradas no romance.

### ANA PAULA MAIA – A ESCRITORA E SUA REALIDADE ESCATOLÓGICA

*De gados e homens* é o quinto romance da escritora fluminense Ana Paula Maia, que traz de volta a um folhetim sua personagem Edgar Wilson, que apareceu antes no romance *Carvão Animal*. *Carvão Animal* é o terceiro e último livro da chamada *Trilogia dos Brutos*, iniciado com *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* e *O trabalho sujo dos outros*<sup>19</sup>. O romance *De gados e Homens* descreve o ambiente de um matadouro e o cotidiano dos processos de matança do gado. Acompanhamos o convívio de Edgar Wilson, o protagonista, e os colegas de profissão, a de abatedores de bovinos.

<sup>19</sup> Informações coletadas por meio de leituras de escritos da autora em seu blog pessoal, disponível in: <http://anapaulamaiaescritora.blogspot.com.br/> Acessado em 30/05/2017 às 16h45min

Ambientes sujos, personagens com profissões que não possuem nem a valorização social, nem uma estética agradável é a característica principal da escritora que influenciada pelos filmes de Quentin Tarantino e o cinema *noir* poetiza ambientes desagradáveis e marginalizados socialmente – e na literatura – com cenas violentas, passagens regadas a sangue e suor, mas com uma escrita direta e simples as transforma em uma arte violenta e poética.

Segundo Vicelli (2015) a narrativa de Maia tem um caráter imundo, a realidade é poluída com as cenas quase escatológicas. Com isso para a autora Ana Paula Maia não é nem neorealista e nem neonaturalista, pois apesar de ela retratar a realidade marginal (realismo) e narrar elementos animais, situações rústicas (características do naturalismo), ela faz uma junção entre essas linhas, levando-as para além dessas definições e sentidos.

Outra marca da escritora contemporânea é utilizar-se do meio digital para divulgar seus escritos e trabalhos. Desde os blogs em que se utiliza para divulgar trechos dos romances futuros, contos em que protagonistas são personagens de seus romances já publicados, até ver a receptividade e troca dos leitores. Maia também usa os booktrailers, em que ocorre divulgação em cinemas, redes sociais, youtube.

Nisso a autora foi sublime, ao começar a lançar seus textos na internet, por meio de blog, no que denominou *folhetim pulp*, numa clara referência aos violentos filmes de Tarantino. Posteriormente seus livros passaram a ter *booktrailers*, vídeos que resumem os livros, fazendo uma propaganda da obra. Funcionam como curtas-metragens, ou melhor, minimetragens. São lançados na internet antes do livro, com o intuito de criar uma expectativa de venda, consequentemente o número de acessos já proporciona à editora uma estatística de venda. (VICELLI, 2015, p. 04)

Vicelli (2015) continua descrevendo que a influência do cinema *noir* em *De Gados e homens* e na obra geral de Maia é fazer um romance policial, mas não um policial em que há uma personagem inteligente com recursos e métodos que desvende um crime e há a revelação de um antagonista, o policial de Maia é brasileiro, sem recursos e principalmente sem polícia e investigação para a resolução, um romance policial de sistema de camaradagem.

Esse sistema de camaradagem é construído ao longo da narrativa com frases curtas, diretas, com as cenas de competições e jogatina entre os homens do matadouro. Homens esses que são construídos de forma bruta, animal, mas sexuais. O *sex appeal* das personagens é oriundo do ambiente grotesco que são submetidos. Homens que possuem nomes em desacordo com o ambiente miserável, mas que reflete a influência hollywoodiana, como Edgar Wilson, Bronco Gil, Helmuth.

Não somente os profissionais do trabalho escatológico e visceral são retratados nesse romance, há uma pluralidade de sujeitos, todos envolvidos diretamente na produção e indústria da carne, desde os donos de fábrica e matadouros, até os que são famigerados e famintos, que disputam o osso com os cachorros vadios. A miséria, então, “é oriunda dos excessos: o excesso de gado desnecessário para abastecer e alimentar as inúmeras fábricas de hambúrgueres, e as pessoas ávidas em shoppings por consumirem as marcas caras que fazem uso desse tipo de produto, não acessível àqueles que o produzem”. (VICELLI, 2015, p. 09)

À proporção que esses homens sujeitados a essa miséria se desumanizam, tornam-se bestializados, ocorrendo um processo de animalização das personagens, os gados se humanizam principalmente no decorrer da história, quase chegando ao seu ápice, em que para fugir do desenfreado mercado de carne a manada se suicida, um ato do homem.

## GADOS MORTOS – DOS MATADOUROS AO FAST FOOD

O consumo da carne em uma perspectiva histórica passou a fazer parte do consumo cotidiano apenas de quem tinha poder aquisitivo, isso por volta do século XIX. As melhores partes do animal, os

cortes de maior prestígio eram muito caros, já os miúdos e partes desprezadas pelos nobres eram baratos, sendo assim, estes podiam ser consumidos pelos mais humildes. Havia também as pessoas que criavam o gado, com isso, podiam apreciar sua carne, no entanto era raridade, como nos mostra o estudo de Bosi (2014).

Havia quinze ou vinte bois nos currais e era uma questão de um par de minutos para golpeá-los e rolá-los para fora. Então uma vez mais os portões eram abertos e outro lote era introduzido apressadamente. (...) A maneira com que os trabalhadores faziam isto era alguma coisa que se via e nunca mais se esquecia. Eles trabalhavam com intensidade furiosa, literalmente correndo – numa passada que não havia nenhuma comparação, exceto com uma partida de futebol. O trabalho era altamente especializado, cada homem tinha sua tarefa para fazer; geralmente isto consistia em dois ou três cortes específicos que ele fazia em quinze ou vinte carcaças de bois, numa linha. Primeiro vinha o “açougueiro”, para sangrá-las; isto significava um rápido golpe, tão rápido que você não conseguia vê-lo – somente o lampejo da faca; e antes que você pudesse perceber aquilo, o homem já tinha disparado para a próxima na linha, e uma torrente de sangue vivo escorria pelo chão. Este chão estava coberto com 1,5 centímetros de sangue, a despeito dos melhores esforços dos homens que tentavam removê-lo com pás. (BOSI, 2014, p.99)

A descoberta de que a carne podia ser congelada, e que isso fazia com ela durasse mais tempo para o consumo, foi um grande avanço para o processo de industrialização da mesma. Assim poderia ser congelada, embalada e enviada para qualquer lugar. O primeiro e principal pólo produtor e exportador foi Chicago (EUA), tendo suas principais filiais na América Latina, Europa e Ásia.

Foi durante a Segunda Guerra Mundial que a indústria da carne eclodiu, devido a fatores como, por exemplo, a mão-de-obra barata, isso devido às imigrações polonesas e alemãs, exemplo, em busca de refúgio nos Estados Unidos da América, sujeitando-se a uma mão-de-obra quase escravocrata para sobreviver trabalhando por horas exaustivas e excessivas. Esse fato foi a mola-mestra para a grande rentabilidade do setor, pois como haviam muitos imigrantes buscando trabalho e empresários que exploravam as mãos-de-obra devido as condições sociais que estavam inseridos.

A produção era medida per capita, ou seja, cada trabalhador devia dar conta de um número de cabeças de gado ao dia, como é a rotina de Edgar Wilson, em que o “preço de um hambúrguer equivale a dez vacas abatidas por Edgar, já que recebe centavos por cada animal que derruba. Por dia precisa matar mais de cem vacas e bois e trabalha seis dias na semana” (MAIA, 2014, p.13)

Como este novo ramo era muito rentável, foi se formando os cinturões da carne, ou seja, em uma mesma região não havia apenas uma fazenda com uma vasta criação de gado para abate, mas havia também, o matadouro, o frigorífico, a fábrica de derivados da carne e estradas para os centros comerciais, os compradores (açougues, redes de *fast foods*), e os consumidores. Todos se beneficiando do negócio de alguma maneira, até não sobrar nada que possa utilizado do animal.

Outro ponto muito marcante no romance de Maia é a violência em tudo, o percurso que o animal passa até sua morte é algo extremamente violento e chocante para o leitor leigo no assunto, no entanto Edgar Wilson faz ser algo com mais piedade, no limite em que a piedade e violência estão inseridas, que no século anterior.

A fila de vacas e bois é sempre longa. Um funcionário abre a portinhola e o boi que já passou pela inspeção e pelo banho entra devagar, desconfiado, olhando ao redor. Edgar apanha a marreta. O boi caminha até bem perto dele. Edgar olha nos olhos do animal e acaricia a sua fronte. O boi bate uma das patas, abana o rabo e bufa. Edgar cicia e o animal abranda seus movimentos. Há algo nesse ciclo que deixa o gado sonolento, intimamente ligado a Edgar Wilson, e dessa forma estabelece confiança mútua (MAIA, 2014, p.11)

No Romance também há um cinturão da carne, pois há outras empresas que se beneficiam do mesmo produto, como é o caso das fábricas de hambúrguer e frigoríficos. Isso é algo que reforça a violência da obra, pois mesmo que o animal seja morto para que outros sobrevivam, seja quem o come, seja para o sustento como Edgar Wilson e Santiago e os outros funcionários descritos na trama. Há também os “homens abutres”, que não são os famigerados, miseráveis e famintos, e sim, empresários do ramo bovino, esquartejam totalmente o animal até a sua última víscera, nem mesmo o osso é descartado.

Depois de esquartejados, são enviados para duas fábricas de hambúrguer e distribuídos para alguns frigoríficos, que mandam caminhões buscar lotes de carne. Edgar Wilson nunca comeu um hambúrguer, mas sabe que a carne é moída, prensada e achatada em formato de disco. Depois frita, é colocada entre duas fatias de pão redondo recheado com folhas de alface, tomate e molho. (...) A produção no matadouro está se intensificando e será até necessário contratar mais um atordoador. (MAIA, 2014, p.13)

Um ponto que podemos destacar nesse mesmo trecho é a sutileza da crítica social que está presente na obra de Maia. Sutil, mas nem por isso menos importante, a escritora coloca na obra as questões sociais que a produção de carne gera, desde a poluição do meio ambiente, as populações que passam fome e estão circundadas nos cinturões da produção. Até o ato de escrever sobre os trabalhadores do matadouro é uma escrita reflexiva e crítica, já que dá visibilidade aos que socialmente são invisíveis.

## A ESTÉTICA – REPRESENTAÇÕES DA VIOLÊNCIA

O texto de Ana Paula Maia representa a violência de diversas formas, o que mexe com leitor de maneira imediata, fazendo com que os sentimentos descritos na narrativa passem pela avaliação moral do indivíduo e torna a obra forte e buliçosa.

Desde a violência física e verbal, que são as mais habituais e óbvias, De Gados e Homens possui uma violência direta, com golpes, machadadas, socos, pontapés e demais formas de agressão física entre os corpos, além da constante matança, que cria na narrativa um clima pesado, pois envolve a descrição dos sentimentos enquanto os corpos são desmembrados.

De acordo com Butler (2006), nós somos instrumento da mortalidade. E o texto coloca isto em questão quando inverte os papéis do homem e do gado. O animal apresenta sentimentos humanizados e o homem ações bestializadas. Quando somos o vulnerável, estamos refletindo o poder do outro sob nós.

O corpo é mortalidade, vulnerabilidade, práxis: a pele e a carne expõe-nos ao olhar dos outros, e também ao contato e a violência, e também são os corpos os que nos põem em perigo de tornamo-nos agentes e instrumento de tudo isto (BUTLER in SOLER, 2017)

O corpo sempre está exposto ao outro, para ser acariciado ou ferido. Na forma de linguagem, a violência vem por meio do verbo, quando se utiliza as palavras não ditas, as frases fragmentadas, a agressão da palavra, os palavrões, insultos e gritos. Além disso, existe também a questão do tabu, Ana Paula Maia escreve sobre um tema que faz parte do nosso cotidiano, mas que ignoramos a origem, a violência dos matadouros, os rejeitados, ela verbaliza o velado, e assim, traduz isso em uma forma de violência, pois é falar do negado. Ela fala do trabalho brutal, das condições dos trabalhadores. Da carne. Do animal. Envolvendo tudo em uma narrativa marcada pelo sangue, fluido da vida e da morte.



A história da obra *De Gados e Homens* é cruel, porém crua, a realidade por meio de choques. Pelegrini usa Adorno (1980) para falar que a única maneira de olhar de frente essa realidade é aceitando o trauma, para que o leitor saia da tranquilidade e estado de contemplação diante da coisa lida “porque a ameaça permanente de catástrofe não permite mais a ninguém a observação desinteressada”. O romance traz um cruel que é verdadeiro e real e por isso o leitor não pode se distanciar dele, uma vez que o real desta obra é violento e áspero.

## A LINGUAGEM – VIOLENTA E DIRETA

Ana Paula Maia narra a violência, o caos, o horror desmedido, toda a crueldade dos matadouros, a violência física e psicológica de uma maneira fria, crua, sem fazer rodeios ou tentativas de suavizar aquilo que está ocorrendo

Com a marreta, sua ferramenta de trabalho, acerta precisamente a frente do rapaz, que cai no chão em espasmos violentos e geme baixinho. Edgar Wilson faz o sinal da cruz antes de suspender o corpo morto de Zeca e o enrolar num cobertor. Nenhuma gota de sangue é foi derramada. Seu trabalho é limpo. No fundo do rio, com restos de sangue e vísceras de gado, é onde deixa o corpo de Zeca, que, com o fluxo das águas, assim como o rio, também seguirá para o mar. (MAIA, 2013, p. 21)

Ela faz cortes através dos pontos finais, recurso que utiliza constantemente no decorrer da história, trazendo através disso um aspecto rude para a narrativa, que conta com poucos diálogos e muitas descrições dos pensamentos dos personagens. Quando os diálogos aparecem eles são curtos e demonstram a falta de comunicação entre os personagens, que não discutem assuntos significativos e profundos, somente assuntos pontuais relacionados ao momento presente. Mesmo que a cabeça de Edgar Wilson seja um amontoado de pensamentos e reflexões, isso não se reflete em sua fala.

Edgar não é um homem de muitas palavras, não tem o costume de tagarelar, e através da narração de seus pensamentos fica claro que ele não tem orgulho do trabalho que executa, mas “se alguém deve fazê-lo que seja ele, que tem piedade dos irracionais” (p. 13), porém quando é questionado sobre seu trabalho por uma estudante responde com apenas uma letra

- Então o senhor se considera um assassino?

- É.

A curta resposta cala a mulher e garante a quietude dos demais. (op. cit. p. 70)

Essa falta de diálogo demonstra uma violência psicológica para consigo, pois ele não quer, não consegue formular tudo aquilo que considera certo, tudo aquilo que pensa, para compartilhar com os outros indivíduos. A linguagem é extremamente direta, sem poupar os sentimentos do leitor e sim dando a este a oportunidade de entrar em um mundo sangrento, violento, tenebroso e completamente real.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que apesar da influência de Ana Paula Maia ser o cinema de Tarantino ela fez de sua escrita uma produção literária brasileira, não somente pela desconstrução do romance policial, mas também pela linguagem seca, bruta e violenta. Os diálogos com poucas palavras, os ambientes grotescos, as personagens rústicas e com *sex appeal* constituem o que descrevemos como realismo escatológico ou o realismo com violência bruta.

Esse ambiente de gados e homens, em que os primeiros são humanizados à medida que os outros são animalizados, um ambiente de sangue, carnificina, violência, falta da palavra e da sutileza,



atraí e provoca o leitor. Nesse jogo de linguagem e escrita a leitura vai se compondo e a reflexão se constrói, seja pelo horror das cenas ou pela crítica social, sutil, mas forte.

## REFERÊNCIAS

- BOSI, Antonio de Pádua. Dos açougues aos frigoríficos: uma história social dos trabalhoda produção de carne. 1750 a 1950. *Revista da história regional*. 2014.
- SOLER, Elena Losada. Representações da violência em A guerra dos bastardos, de Ana Paula Maia. *Estud. Lit. Bras. Contemp.*, Brasília , n. 50, p. 138-156, Apr. 2017.
- MAIA, Ana Paula. *De gados e homens*. Editora Record: Rio de Janeiro, 2014.
- PELEGRINI, Tânia. As vozes da violência na cultura brasileira contemporânea. *Revista Crítica Marxista*. [20??] Disponível in:[https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos\\_biblioteca/critica21-A-pelegrini.pdf](https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/critica21-A-pelegrini.pdf)
- VICELLI, Karina Kristiane. Sangue e Hamburgueres - o novo realismo e o romance policial na obra De gados e homens de Ana Paula Maia. *Revsita e-scrita*. V-6 2015.